

A viagem de um leitor: uma investigação semiótica do processo de leitura.

Ana Carolina Cortez Noronha

Pós-Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa, UNESP
anacnoronha@yahoo.com

***Abstract** The aim of this paper is to investigate reading as a discursive process, under the French semiotics theory. It observes values that are transferred from the enunciator to the enunciatee in a narrative that fictionalizes the process of reading. To find these values, it analyses the circulation of objects on the narrative level.*

***Keywords.** Reading; French semiotics; linguistics.*

***Resumo.** Este trabalho tem por objetivo fazer uma investigação sobre o processo de leitura utilizando-se a teoria semiótica do texto. Observam-se em uma narrativa que ficcionaliza o processo de leitura alguns valores transmitidos do enunciador para o enunciatório. Para encontrar esses valores, analisa-se a circulação de objetos no nível narrativo.*

***Palavras-chave.** Leitura; semiótica francesa; lingüística.*

1. Introdução

Concebemos leitura como sendo um processo discursivo, um processo de apreensão de sentido e de significação. Não há como pensar em leitura sem envolver os conceitos de autor e leitor, pois são eles os sujeitos que a tornarão possível, e é apenas por meio deles que se dá a leitura. Mas não se poderia, partindo do texto, fazer um estudo tratando de leitores e autores reais. Não se pode apreender o real, a realidade externa, por meio do texto, que é o nosso objeto “concreto”, o único que possuímos e sobre o qual podemos trabalhar. Por isso entende-se que só podemos envolver em nosso estudo autor e leitor inscritos no texto, apenas aqueles que o texto dá a conhecer, e não o que se pensaria como autor e leitor “reais”. Procuramos uma investigação sobre leitura e os atores envolvidos nesse processo dentro dos limites do texto, em sua imanência, como concebida pela teoria semiótica do texto de linha greimasiana. Realiza-se, portanto, neste trabalho, uma busca a respeito dos processos de leitura e de como se dá a relação entre autor e leitor, internamente ao texto tratados como entidades que se deixam conhecer através da enunciação, ou seja, enunciador e enunciatório.

Entende-se que a apreensão do sentido de um texto só pode ser dada/feita pelo sujeito da enunciação, que traz em si, sincreticamente, o enunciador e o enunciatório. O sentido não depende mais de um do que do outro, mas dos dois, ao mesmo tempo, com a mesma importância, e só pode ser construído na relação entre eles. Por isso investiga-

se enunciador (autor) e enunciatário (leitor), o sujeito da enunciação, por meio do estudo da enunciação.

O presente trabalho é uma parte de uma dissertação de mestrado. Nela analisamos uma narrativa na qual acreditamos haver uma ficcionalização do processo de leitura, pois ela traz uma série de aventuras realizadas por um adolescente que viaja do tempo e no espaço, para o passado, porque entra dentro de imagens para as quais seus olhos se dirigem. A questão da entrada dentro de imagens observadas (lidas) é que nos faz estabelecer um paralelo entre a narrativa tomada como corpus e o processo de leitura. Nesta parte aqui apresentada trazemos a investigação da circulação de objetos no nível narrativo, objetos esses que depois se transpõem para o nível discursivo como continentes de um valor que o enunciador (autor) intenciona transmitir ao enunciatário (leitor). Há, no corpus explorado, um programa narrativo recorrente de perda e aquisição de objetos pelo protagonista, cujos revestimentos figurativos variam, e que acabam revelando um dos valores transmitidos do enunciador ao enunciatário.

2. Um breve resumo do corpus

Apresentamos neste momento um resumo breve do corpus para dar ao leitor deste trabalho uma pequena noção da narrativa utilizada. Trata-se de uma narrativa juvenil intitulada “Por onde você andou, Robert?” (tradução brasileira de João Azenha Jr., Companhia das Letras, 1999), escrita por Hans Magnus Enzensberger. A história é sobre um adolescente alemão que vive no final do século XX e começa a ter problemas de vista, enxergando manchas quando esfrega os olhos e, com o passar do tempo, essas manchas começam a lhe trazer imagens em movimento. Um dia ele está na cozinha de sua casa, sozinho, assistindo à televisão, quando esfrega os olhos e de repente se vê transportado para dentro do filme a que estava assistindo. E assim ele começa a viajar no tempo e no espaço por meio de imagens para as quais seus olhos se dirigem. Ele volta no tempo, em viagens, sete vezes, até 1621, quando consegue voltar para a Alemanha do século XX pintando um retrato da cozinha de sua casa e “viajando” pra dentro dele.

3. Organização do Nível Narrativo do Percorso Gerativo do Sentido

O discurso é visto pela semiótica como uma superposição de níveis de significação, chamada de percurso gerativo do sentido. Essa superposição engloba o trabalho da construção do sentido no discurso, da imanência, do mais profundo ao discursivo, aparente, superficial. Concebem-se três níveis de significação. O nível fundamental é o mais profundo deles e caracteriza-se por conter uma categoria semântica composta por oposições, como por exemplo /vida/ e /morte/ ou /natureza/ e /cultura/. Essa oposição encontra-se na base da construção do sentido do texto. O nível narrativo é o intermediário e é nele que se operam transformações entre dois estados diferentes. É esse nível também que organiza a busca do sentido num texto. O terceiro nível, o nível da superfície, é o discursivo. É nele que as formas narrativas, abstratas, ganham concretude, sendo revestidas de atores inseridos num espaço e num tempo determinados. Ressaltamos que as fronteiras entre os diferentes níveis de significação não são bem delimitadas, e que é a enunciação que faz a ponte entre eles, transitando entre um e outro nível, ligando-os.

Parte-se do conceito de narratividade como transformação de estados operada por um sujeito na busca de um objeto investido de um valor. Tanto o sujeito quanto o

objeto são chamados de actantes e só existem a partir de uma relação de transitividade entre eles. Os modelos actanciais do nível narrativo devem, para Greimás,

ser considerados como modelos de previsibilidade, como hipóteses apresentadas sob forma de articulações lógicas que, uma vez projetadas sobre textos, podem aumentar-lhes a legibilidade. (1977, p. 187)

Por isso, por causa da busca das relações lógicas que aumentem a possibilidade de compreensão de um texto, pela tentativa de melhor compreender o percurso gerativo do sentido, é que se tenta organizar o nível narrativo dele.

Há dois tipos de enunciados elementares na sintaxe narrativa: os de estado, que estabelecem uma relação entre um sujeito e um objeto, e os de fazer, que mostram as transformações, as passagens de um enunciado a outro. Às passagens de um enunciado de estado a outro chamamos narrativas mínimas. Um texto é uma narrativa complexa, formada por várias narrativas mínimas.

Manipulação, competência, *perfórmance* e sanção são as quatro fases da seqüência narrativa canônica de uma narrativa complexa. Na manipulação um sujeito (não necessariamente revestido em uma pessoa) age sobre o outro para levá-lo a fazer alguma coisa. Na fase da competência o sujeito que vai realizar a ação é dotado de um saber-fazer, querer-fazer ou de um poder-fazer. A *perfórmance* é a fase na qual acontece a transformação principal da narrativa. E a sanção é o julgamento do sujeito que operou a *perfórmance* e pode ser positiva ou negativa.

A insatisfação em relação ao mundo em que vive é o sujeito manipulador que leva Robert a ausentar-se de sua realidade, instaurando nele um /querer/ (querer ausentar-se daquele mundo). O instrumento de manipulação são as manchas de sua visão, que primeiramente o tiram do mundo em que vive, persuadindo-o a deixar-se manipular por elas e ausentar-se cada vez mais e, finalmente, essas mesmas manchas lhe dão a competência para o /poder-fazer/, que é o poder viajar. Adquirida essa competência, Robert passa a viajar, a conhecer lugares e pessoas novas, a aventurar-se. Primeiramente a sanção é positiva, pois ele gosta muito do que está acontecendo. Mas, num segundo momento, depois de entrar em conjunção com o objeto-valor que ele buscava, o saber, ele quer retornar, portanto podemos dizer que se instaura nele um segundo querer. Ele é, a partir desse momento, o manipulador de si mesmo, instaurando em si o querer retornar. Para ser capaz dessa *perfórmance*, ele precisa adquirir uma competência para um /fazer/, que é produzir uma imagem da cozinha de sua casa para que possa retornar a ela. Essa competência lhe é dada pelo pintor, na sétima e última viagem, que o toma por aprendiz e lhe ensina seu ofício. Robert realiza então essa *perfórmance* de retornar e poderia-se mesmo dizer que esse retorno é sua prova qualificadora, o seu combate final. A sanção positiva é dada por ele mesmo, que se sente realizado porque sabe mais que os outros depois de todas essas viagens, e de isso ser um segredo que ele guardará para si.

4. Circulação de objetos-valor.

Robert tem mania de levar nos bolsos coisas que ele pega espalhadas pelos lugares por onde passa. Distraidamente ele as coloca no bolso, e muitas vezes nem mesmo se lembra de onde saíram. No prólogo, ele é caracterizado assim:

Robert está usando uma camiseta cáqui e, por cima, uma jaqueta de linho azul bem fino, com no mínimo seis bolsos. ‘Sempre essa mesma jaqueta deformada, que já deu o que tinha que dar.’, diz a mãe. Mas isso porque ele costuma carregar um monte de coisas. **Um hábito besta.** Ratibor, seu amigo Ratibor, vive dizendo que Robert rouba coisas. Mas isso é um absurdo. Robert é apenas distraído, ele simplesmente pega as coisas que estão largadas em cima da mesa e põe no bolso. (ENZENSBERGER, p. 15 e 16, grifo nosso)

Ao iniciar suas viagens, há vários objetos nos bolsos de Robert. À medida que viaja no tempo, ele vai se desfazendo dessas coisas: algumas ele dá de presente, outras lhe são tomadas ou se perdem. Há uma relação entre esses objetos que Robert carrega e o reconhecimento que ele tem de si mesmo como sujeito. Nossa hipótese é de que esses objetos são, material e também simbolicamente, trocados por saberes constituindo, desse modo, o protagonista como sujeito. E, também, fazendo com que, a partir dessa troca, um valor seja adquirido pelo enunciatário: o valor que o enunciador lhe destina, de valorização do “ser” em detrimento do “ter”. Partimos da idéia greimasiana de que um objeto é sempre um lugar de investimento de valor e que ele é reconhecível não por si, mas por suas determinações (1983, p. 21/22) e, portanto, acreditamos que esses objetos nos levem a compreender um pouco das transformações pelas quais o protagonista passa até tornar-se um sujeito consciente de si. O levantamento dessa hipótese deve-se ao fato de que em vários momentos da narrativa aparecem afirmações que remetem ao fato de Robert continuar carregando os objetos consigo para sentir-se identificado, ou seja, de que ele necessita, inicialmente, dos objetos para saber-se “sujeito” e que depois, aos poucos, vai se desvinculando deles.

“Perguntou-se por que motivo ele continuava a carregar todas as provas de seus pequenos furtos. Por outro lado, era tudo o que ele possuía.” (ENZENSBERGER, p. 56)

“Mas por mais que suas lembranças fossem inúteis, Robert sentia-se bem por tê-las salvado. Eram a única prova concreta de que ele continuava sendo ele mesmo.” (ENZENSBERGER, p. 124)

Para examinar essa questão da perda e aquisição de objetos por Robert ao longo da narrativa, optamos por destacar apenas aquelas que consideramos mais relevantes para que ela seja entendida neste trabalho. Temos a intenção de, assim, observar como Robert passa de um sujeito dependente dos objetos que carrega para sua identificação a um sujeito dotado de saberes e independente daqueles objetos outrora essenciais.

Na terceira de suas sete viagens, quando se encontra na Alemanha de 1930, Robert leva no bolso uma pedra que tinha pegado em uma mina na Austrália. Ele a leva a um joalheiro, que de dentro dela extrai uma opala valiosa.

“E o valor, sr. Hirschberg? Em quanto o senhor avaliaria a pedra? É que para mim ela não tem nenhuma utilidade, ao passo que o senhor certamente poderia fazer uma jóia muito bonita com ela.”

Ele se admirou do sangue-frio com que pronunciou essas palavras, como um homem experimentado em tais assuntos. (ENZENSBERGER, p. 116)

Robert surpreende-se com a desenvoltura que está adquirindo e, nesse momento, não se reconhece como o sujeito que costumava ser, pois está transformado em outro, mais desenvolvido, mais experiente. Essa desenvoltura é um valor adquirido durante suas viagens, como produto das diversas situações que ele enfrenta. Essa é a primeira vez que Robert verbaliza que está notando as mudanças que acontecem consigo, fruto de sua experiência. Ele está trocando objetos de valores objetivos (caracterizados por estarem em enunciados com o verbo “ter”) por objetos de valores subjetivos (encontrados em enunciados com o verbo “ser”) (GREIMÁS, 1983, p. 25).

Ao entrar na sexta viagem, Robert vai parar no meio de um assalto, ao final do qual há um homem morto. Ele mesmo tira o casaco e as botas do defunto e os pega para si. Na primeira viagem ele havia ganhado um casaco feminino de sua protetora, na segunda viagem ele tinha ganhado botas da família que o hospedava. Dessa vez ele mesmo consegue prover a si o que necessita. Ou seja, o que antes ele ganhava, agora ele consegue por conta própria. Há, aqui, não só o valor do objeto em si mas, agregado a ele e muito mais valioso que ele, o valor subjetivo de que o protagonista provê a si mesmo suas necessidades. Ainda na sexta viagem Robert precisa lutar de espadas com um integrante do grupo de assaltantes o qual passou a integrar. E o vence, graças às aulas de esgrima que tinha tido na viagem anterior, quando fora pajem num castelo alemão do século XVIII. Essa luta se deu no momento subsequente ao que ele perdeu um de seus últimos objetos, um carrinho Porche de brinquedo, que fora esmagado por um dos homens. Nesse momento ele faz uso do saber que adquiriu nas viagens, a habilidade de lutar utilizando espadas, ao mesmo tempo em que se desfaz de um de seus últimos objetos. Mais uma vez constatamos nitidamente a troca de um objeto de valor objetivo por outro de valor subjetivo: o carrinho pelo respeito do grupo.

Durante a sétima viagem, Robert adquire a habilidade de pintar, para poder pintar a cozinha de sua casa e retornar. Essa habilidade é adquirida a muito custo, leva bastante tempo e é sua maior conquista, pois lhe devolve ao seu lugar de origem. Ao entrar nessa última aventura, ele traz nos bolsos algumas moedas, fruto da sexta viagem, e as oferece em troca do aprendizado do pintor. Um dia, Robert tem um sonho durante o qual fica claro para ele que deverá pintar o quadro retratando a cozinha de sua casa, lugar para onde ele quer voltar. Quando o quadro da cozinha está quase pronto, o pintor retorna de sua viagem. Robert chega e o encontra bravo, com a foto polaroid de Ratibor, seu melhor amigo, nas mãos. A foto é o último objeto que lhe resta de seu mundo original, que ele vinha carregando consigo desde o início de suas aventuras. O pintor está muito bravo, querendo saber se aquilo é fruto de magia, por causa da gosma preta que encontrou atrás da pintura (foto). Robert tenta se explicar, e depois sugere que se jogue fora a figura. Embora lhe parecesse difícil ficar sem a foto do amigo, Robert pensa que, no fundo, tinha esperança de revê-lo em breve. O pintor joga a foto no fogo.

No momento em que se encontra de volta à cozinha de sua casa, Robert tem o pincel do pintor nas mãos e está usando o avental de aprendiz, pois quando voltou ainda estava retocando o quadro onde estava retratada a cozinha. Ele resolve guardar o pincel em suas coisas. Desta vez, Robert guarda um objeto não mais porque precisa dele para

se lembrar de quem é, mas simplesmente para se lembrar do que viveu um dia. Mais precisamente para que ele se lembre das viagens durante as quais se deu o processo que o livrou da necessidade de precisar de objetos para identificá-lo.

Resta o pincel. Robert hesita um instante. Será que deveria jogá-lo no lixo? Não, ele não conseguiria. Do pincel ele não abre mão. Robert ainda precisa dele, senão um dia pode ser que ele mesmo venha a duvidar de que esteve realmente em Amsterdam. Embrulha com cuidado o pincel num plástico de embalar alimentos. Depois sobe correndo a escada até o seu quarto. Lá chegando, esconde a prova concreta de que esteve em Amsterdam numa mochila velha atrás da mala de viagem que fica na parte mais alta do armário, onde ninguém nunca mexe. (ENZENSBERGER, p. 258)

No início da narrativa, Robert possui objetos, mas não se sente um sujeito autônomo, identificável por si só. Ele “tem”, mas não “é”. Ele possui valores objetivos, externos. Ao final da narrativa, Robert “é”. Ele passa a ter valores subjetivos, internos. Por isso a troca de objetos por saberes durante toda a narrativa. No início, é necessário que os objetos lembrem a Robert quem ele é, já que ele não é capaz de fazê-lo por si mesmo. Apenas depois de adquirir saberes ele passa a “ser”, e portanto sente-se em condições de retornar a seu mundo. Subentende-se que Robert não mais terá problemas com abstrações de seu mundo, pois livrou-se do tédio e da insatisfação, uma vez que está de posse do objeto-valor mais desejado por ele, o saber.

6. Considerações finais.

Depois de observar como os objetos-valor tramitam ao redor do protagonista da narrativa, partimos da observação de Greimás, reproduzida a seguir, para tentar organizar um percurso narrativo comum a eles e, desse modo, organizar a narratividade do texto em questão.

A narratividade, deste ponto de vista, pode-se definir pela circulação de objectos, constituindo cada transferência um eixo narrativo a partir do qual tudo pode recomeçar. (1979, p. 16)

A circulação de objetos pode ser vista não apenas como os valores que o enunciador quer transmitir ao enunciatário (“fazer circular” entre eles) mas também como um ponto de partida para um programa narrativo singular. O que parece, no caso desta narrativa específica, é que o programa narrativo de circulação de objetos é único, no nível narrativo, mudando-se os investimentos discursivos a cada troca. Pensando num esquema, pode-se dizer que

PN1 $\rightarrow F(S_1 \cap O_1)$ (Robert (S_1) em conjunção com seus objetos originais)

PN2 $\rightarrow (S_2 \rightarrow (S_1 \cup O_1))$ (um sujeito 2 faz com que Robert doe ou perca esse objeto [doar ou perder equivale a entrar em disjunção com])

PN3 $\rightarrow (S_1 \cap O_2)$ (Robert em conjunção com objetos adquiridos ao longo das viagens)

Os sujeitos de estado definem-se, na sua existência semiótica, pelas suas propriedades (qualificações, atribuições): com efeito,

eles só podem ser reconhecidos como sujeitos na medida em que estão em relação com objectos de valor e participam em diferentes universos axiológicos; os objectos de valor, por sua vez, só são valores se forem objectos visados pelo sujeito. Dito de outra forma, **não há definição possível do sujeito sem a relação deste com o objecto, e inversamente.** (GREIMÁS, 1979, p. 18, grifo nosso)

Partindo dessa questão de definição do sujeito em relação a um objeto de valor e vice versa é que pensamos, também, na relação de Robert com os objetos que ele carrega consigo, e que o fazem lembrar a todo instante de quem ele realmente é. Mudam-se os investimentos figurativos desses objetos, mas o percurso narrativo de apropriação e perda deles por Robert é sempre o mesmo. O que muda, também, é o valor deles, a importância que têm, o que é proporcional ao que Robert adquire quando os perde. Por exemplo, a fotografia de seu melhor amigo era o que ele mais prezava dentre seus objetos, porque era o mais significativo dentre eles. Foi o último que ele perdeu, mas foi trocado também pelo mais valioso de todos, a arte da pintura, que lhe permitiu reconstituir a cozinha de sua casa para retornar ao seu lugar de origem. Quando se fala na troca dessa fotografia pela arte de pintar não nos referimos a uma troca direta, uma pela outra, mas a mais uma das trocas indiretas que acontecem na narrativa, de um objeto por outro.

Quando se fala em sujeito 2, o sujeito que levará Robert a doar ou perder um objeto, também não se está necessariamente falando de uma pessoa, mas poderia ser de uma circunstância ou de um sentimento do menino que o leve a doar algum objeto. Na doação dos primeiros objetos, há um /querer/ instaurado no sujeito que doa (Robert), que entra voluntariamente em disjunção com esses objetos, ou para dá-los de presente (a caneta e a girândola) ou para trocá-los por outros bens (a opala, os dólares). No caso da calculadora e do Porche, instaura-se um /dever/, pois o sujeito deve provar que o que está dizendo é verdade e, por isso, mostra/doa os objetos a outros sujeitos. A foto polaroid foi tirada do sujeito 1 e portanto não há uma modalização dele nessa doação.

Greimás (1977, p. 185) fala em objetos de valores objetivos e objetos de valores subjetivos. Os de valores objetivos estão presentes no discurso sob a forma de atores individualizados e independentes, os de valor subjetivo manifestam-se por atores que são conjuntamente e ao mesmo tempo sujeitos e objetos. Pensamos então que os objetos de valor objetivos sejam aqueles mais “físicos”, como a caneta, a opala, o carrinho, a girândola, pois se manifestam no texto sob formas individualizadas. E que os objetos de valor subjetivo sejam aqueles que permitem a Robert realizar uma performance, como as aulas de esgrima ou as aulas de pintura. São, portanto, menos “físicos”. Exceção poderia ser feita ao dicionário (dado ao protagonista em sua primeira viagem) que, apesar de ser um objeto físico, lhe permite a realização de uma performance.

A circulação dos objetos acontece e se organiza no nível narrativo, e há um esquema narrativo comum a todos eles. No nível discursivo, no entanto, observa-se que eles são figurativizados de maneiras diferentes, dependendo de outros elementos como tempo e espaço para tomarem esses investimentos figurativos diversos. É necessário observar a movimentação dos objetos em ambos os níveis de significação, para que se possa apreender o valor transmitido pelo enunciador ao enunciatário, a valorização do

“ser” em relação ao “ter”, por meio da perda de objetos de valor objetivo e da aquisição de objetos de valor subjetivo. Pensando-se o enunciador como o autor e o enunciatário como o leitor, e situando os dois no final do século XX, início do século XXI, afirmamos que os valores propostos por um ao outro estão bem inseridos no contexto atual, em que a sociedade capitalista valoriza o consumo “ter” em vez de valores pessoais do “ser” e que esse enunciador, produtor de uma narrativa classificada como juvenil, quer que outros valores que não os capitalistas sejam adquiridos por seu enunciatário.

7. Bibliografia

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria do Discurso*. Fundamentos Semióticos. 3ª edição. São Paulo: Humanitas, 2002.
- BERTRAND, Denis. *Caminhos da Semiótica Literária*. trad. Grupo Casa. Bauru, SP: EDUSC, 2003.
- CORTINA, Arnaldo. Semiótica e Leitura. Os leitores de Harry Potter. in CORTINA, Arnaldo e MARCHEZAN, Renata (orgs.) *Razões e sensibilidades: a semiótica em foco*. Araraquara: Cultura Editorial / Laboratório Editorial, 2004.
- ENZENSBERGER, Hans Magnus. *Por onde você andou, Robert?* Trad. de João Azenha Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- FIORIN, José Luiz. *As Astúcias da Enunciação*. As categorias de pessoa, espaço e tempo. 2ª edição. São Paulo: Ática, 2002.
- O Ethos do Enunciador. in CORTINA, Arnaldo e MARCHEZAN, Renata (orgs.) *Razões e sensibilidades: a semiótica em foco*. Araraquara: Cultura Editorial / Laboratório Editorial, 2004, p. 153-190.
- GREIMÁS, A.J. Os atuantes, os atores e as figuras. in CHABROL, Claude (apresentação). *Semiótica Narrativa e Textual*. São Paulo: Cultrix e Editora da Universidade de São Paulo, 1977.
- As aquisições e os projetos. Prefácio ao livro de Courtés, J. *Introdução à Semiótica Narrativa e Discursiva*. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.
- *Du Sens II*. Paris: Éditions du Seuil, 1983.